RECENSÕES

DE MARGERIE, Bertrand: **Sacramentos e desenvolvimento integral.** Tradução brasileira do original francês pelo P. Maurício Ruffier S. J.. 168 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1974.

O título da obra e a intenção expressa pelo autor na sua "Introdução": fazer uma teologia da irradiação interpessoal e sócio-econômica dos sacramentos, enquanto capazes de transformar o futuro do homem e da sociedade" (9), poderiam criar a expectativa por um livro na linha de uma "teologia política" ou semelhante. Na realidade, o autor relaciona a vivência dos sacramentos com a doutrina social da Igreja, tal como ele a interpreta a partir das grandes encíclicas sociais e da Constituição "Gaudium et Spes".

Neste horizonte, o batismo e a crisma são apresentados no cap. I como sacramentos "do engajamento a serviço da promoção humana" (11). Ao tratar do matrimônio no cap. II o autor centra suas considerações no problema da procriação da prole, acentuando sua necessidade para o desenvolvimento interpessoal dos esposos e mostrando-a como decorrente da obrigação dos cônjuges para com toda a humanidade. As considerações deste capítulo acabam com uma reflexão sobre o problema demográfico. O sacramento da ordem, no cap. III, é entendido como uma consagração para "animador espiritual do desenvolvimento temporal" (62). Grande parte do capítulo é dedicada à função do celibato para o progresso do mundo. Numa perspectiva capitalista, embora não capitalista liberal, o cap. IV apresenta a penitência como elemento de formação da consciência social. A unção dos enfermos (cap. V) é vista como consagração da enfermidade e da velhice: "adaptação da pessoa idosa à sua situação e à sociedade" (106), associando-a ao sofrimento de Cristo para o bem (e, portanto, desenvolvimento) do povo de Deus. Finalmente, a eucaristia (no cap. VI que é o que há de melhor no livro; cf. também o Apêndice e a Conclusão) é apresentada como sacramento do diálogo amistoso, "sinal representativo do trabalho produtor" (134), incluindo os três setores da economia: "a agricultura fornece trigo e uvas; a indústria, as máquinas que os transformam em pão e vinho, cujos serviços coordenam a distribuição" (135); "sinal do reconhecimento da obrigação de trabalhar" (135), de dar a vida pelos outros: "sinal eficaz do trabalho eficaz" (135) pela caridade; "sinal que condiciona... um certo esplendor, uma plenitude e eflorescência do labor humano" (136). Além disso o autor acentua a eucaristia, "fração do pão", como "sacramento da justa distribuição ou redistribuição dos bens terrestres" (139).

Uma valoração da obra deveria examinar seu conceito de desenvolvimento, muitas vezes ambíguo. O recenseador, confessando sua incompetência para julgá-lo, tem sérias dúvidas sobre se economistas e sociólogos o endossariam sempre. E às vezes se tinha que

perguntar se a tentativa de fundamentar com argumentos "teológicos" teorias de natureza anti-econômica e social não está fadada a levar a teologia ao ridículo, ao menos aos olhos dos cientistas sérios. Assim quando se fala do "**mistério** da população mundial" (47, negrito pelo recenseador), relacionando o problema demográfico com a complementação escatológica do número dos eleitos (cf. Apc 6, 11). Ou quando se tenta basear a orientação procriadora do ato conjugal no mistério da vida intratrinitária (28s). Ou quando se fazem disquisições teológicas para fundamentar a Encíclica "Humanae Vitae" (cap. II, A).

Também sintomático é o fato de o tema celibato sacerdotal (algo acessório e acidental com relação ao sacramento) ocupe a maior parte do capítulo sobre o sexto sacramento, chegando a criar-se a expressão "conselho evangélico do celibato sacerdotal" (68, n.º 21).

A concepção da unção dos enfermos como consagração da velhice ou do estado de doença (99, 102s passim) não é adequada para uma teologia deste sacramento que considere todo o desenvolvimento histórico do mesmo (cf., p. ex.: J.-Ch. Didier, L'onction des malades dans la théologie contemporaine, em: La Maison-Dieu 113 [1973] 57-80, esp. 65-67: a graça da unção não é de consagração, o que prenderia o doente a seu estado, mas sim de força que assume a luta do doente para viver, curar ou dominar seu estado; cf. também E. J. Lengeling, Todesweihe oder Krankensalbung?, em: LJ 21 [1971] 193-213; igualmente o melhor apanhado de conjunto sobre nosso sacramento: A. Knauber, Pastoraltheologie der Krankensalbung, em: HbPastTheol IV 145-178).

É lamentável que os corretores tenham deixado escapar vários erros tipográficos e o tradutor, alguns galicismos e faltas gramaticais. Entre as falhas gráficas mais graves estão: mencionar no texto notas que não se encontram ao pé da página (p. 57 falta a nota 86 bis: p. 113, a nota 42 bis) ou não indicar no texto uma nota trazida ao pé da página (p. 40, as notas 36 a 38: p. 70, nota 26 bis; p. 114, nota 46: p. 118, nota 64).

Francisco Taborda

MALDONADO, Luis: **La violencia de lo sagrado. Crueldad "versus" oblatividad o el ritual del sacrificio.** 318 pp., 21,5 x 14 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1973.

Como o título sugere, a intenção da obra é estabelecer a relação entre o sagrado e a violência. Com grande conhecimento da literatura especializada, o autor, em dezesseis capítulos, oferece um amplo panorama do desenvolvimento das investigações sobre a natureza e origens do sacrifício (cap. 1-9) e informa sobre as últimas aquisições exegéticas e teológicas a respeito da Eucaristia como sacrifício (cap. 10 [também os sacrifícios do AT] e 16) e do significado da cruz (sacrifício) de Cristo (cap. 11-15).

O leitor admira espontaneamente o acervo de literatura especializada que o autor mostra dominar. Entretanto o livro peca fundamentalmente pela falta de entravamento lógico dos três grupos de capítulos antes enumerados. Dita falta reflete-se principalmente na não explicitação da tese central (ou das teses centrais) sugerida(s) no título e subtítulo. Em última análise, a obra se apresenta como uma enumeração de opiniões sobre os três temas mencionados (fenomenologia do sacrifício sob o ponto de vista da ciência da religião — Eucaristia como sacrifício — sacrifício de Cristo). O autor relaciona a apresentação das diversas opiniões com a discussão que se seguiu, o que é de muito valor para situar-se no atual "status quaestionis". O resumo das diversas opiniões é muito bom, mas não se

chega a saber a que vem o conjunto. Em uma palavra: falta unidade na obra. Ou mais exatamente: o autor não se dá ao trabalho de mostrá-la e de explicitar o entravamento lógico do conjunto em vista daquilo que pretende. O resultado é que o livro se torna prolixo e cansativo. Poder-se-ia evidentemente apelar para a "Apresentação" (pp. 7-9), onde o autor proclama o caráter de ensaio e, portanto, seu direito a "grande liberdade, dentro do necessário rigor" (9) e seu propósito de "não tirar demasiadas conclusões" (ibid.). Mas entre não tirar "demasiadas" e não tirar nenhuma conclusão vai um abismo e então o título e subtítulo da obra bem como o início da "Apresentação" prometem demais e o livro deveria ter-se chamado simplesmente: "Resenha de estudos recentes sobre os sacrifícios nas religiões do mundo, sobre a Eucaristia como sacrifício e sobre o sacrifício de Cristo", com o que já seria uma contribuição mui digna de menção no panorama teológico dos países de língua castelhana e vizinhos.

A obra é valiosa como informação sobre toda uma evolução na explicação do fenômeno "sacrifício", bem como enquanto notícia bibliográfica sobre o que de mais recente se publicou sobre a Eucaristia como sacrifício e sobre a cruz de Cristo, especialmente no mundo alemão. E não é pequeno mérito, tendo em consideração que essa literatura é, em geral, pouco acessível aos leitores de língua castelhana. Nesse sentido, a obra colabora efetivamente para divulgação das "investigações da antropologia e fenomenologia religiosa" (7). No final ainda uma observação de ordem tipográfica: nas pp. 14 e 212 há uma troca de linhas que estorva a leitura.

Francisco Taborda

CNER / CNPL: **A Confirmação. Teoria e prática.** Tradução brasileira do original francês pelo P. Odilon Jaeger S. J., 182 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1974.

Este livro é uma obra coletiva de dois grupos da Igreja da França: a Comissão Nacional de Ensino Religioso (CNER) e a Comissão Nacional de Pastoral Litúrgica (CNPL). Consta de quatro partes. A primeira, de natureza teórica, contém cinco estudos sobre temas relativos ao Espírito Santo e à confirmação. Merece especial menção o estudo bíblico de André Paul, p. s. s., "O Espírito Santo, Cristo e os grupos de Igreja na obra de São Lucas" (21-31). Saliente-se igualmente o estudo dogmático "A confirmação: pontos de referência teológicos" (47-56). O autor (ou os autores) parte(m) muito corretamente de que "sacramento do batismo e sacramento da confirmação não se podem compreender senão em relação um com o outro" (47), sem separar e sem reduzir um ao outro. Mas isto não significa que um deva viver à custa do outro. E essa impressão é inevitável, sempre que se explica a confirmação com o adjetivo "pleno" ou semelhantes. Tal é o caso aqui: agregação plena à Igreja (cf. 50), participação plena na Igreja (cf. 51), "plena transformação da humanidade" (49), etc. O mesmo vale da maneira como se distingue a "graça pentecostal" da "graça pascal", dizendo que aquela está "em germe" nesta (cf. 49). Em uma palavra: embora com elementos valiosos, este estudo sofre da fraqueza própria à teologia da confirmação, ainda à procura de uma explicação que não assegure valor ao segundo sacramento às custas do primeiro.

A segunda parte refere experiências pastorais em diversos ambientes franceses. As experiências são apresentadas esquematicamente, seguindo-se uma reflexão sobre as mesmas e alguns documentos esclarecedores que podem oferecer boas sugestões à

aplicação em outros ambientes dos métodos experimentados.

A terceira parte pensa a confirmação de adultos e crianças a partir das possibilidades abertas pelo novo ritual.

A quarta parte oferece sugestões para a busca de uma celebração adequada da confirmação. A tradução brasileira apresenta aqui ainda a Constituição Apostólica "Divinae Consortes Naturae" (155-161) com a introdução do novo "Ordo confirmationis" (163-169) e a liturgia da confirmação conferida na Missa (169-176). Estes textos caberiam melhor num apêndice. Quanto à bibliografia (177-179): é a simples transcrição da bibliografia do original francês. Teria sido desejável que ao menos se indicasse o que já existe em tradução brasileira ou espanhola, como os artigos da revista Concilium e os livros de Hamman e Rahner. A bibliografia ganharia ainda em interesse, se se tivessem acrescentado publicações brasileiras sobre o tema.

Francisco Taborda

HORST, Ulrich: **Cuestiones candentes de Eclesiología** (Controversia n.º 18). Trad. do alemão por Claudio Gancho. 312 pp., 20 x 12 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1974.

Não se trata de um compêndio de Eclesiologia e nem sequer de um livro dedicado exclusivamente ao estudo da Igreja. A verdade é que HORST reuniu aqui dois tipos diferentes de estudos: os seis primeiros, de orientação mais escriturística, focalizam alguns dos problemas mais difíceis apresentados pela moderna exegese crítica; os outros seis giram em torno a dogmas eclesiais, numa perspectiva que procura o seu apoio no Concílio Vaticano II.

Traço comum às duas partes citadas é o agudo senso do caráter histórico da salvação, da Igreja e da sua mensagem. Inclusive o espinhoso problema da consciência messiânica de Cristo (e conseqüentemente do seu relacionamento com a Igreja) é projetado sobre o pano de fundo de um desenvolvimento histórico que não termina como o próprio Cristo, mas que atinge o seu significado pleno na primitiva comunidade cristã.

Profundo conhecedor da bibliografia atual, tanto católica como protestante, o autor se enfrenta com questões que fizeram correr rios de tinta: a historicidade dos Evangelhos, o primado de Pedro, a formação do cânon da Escritura, a infalibilidade do Papa, a salvação fora da Igreja... Em alguns pontos, como na questão do cânon, apresenta soluções originais, capazes de superar os impasses criados por teorias como a da interpretação literal ou a do "Evangelho dentro do Evangelho".

Não é um livro definitivo e intangível. Aliás, dentro da posição de tendência historicista do autor, essa definitividade não teria sentido. Mas creio que se ressente de um certo afã de compreensibilidade: tudo parece ser agora claro, preciso. Mas essa clareza se consegue à base de uma relativização do Novo Testamento e da Igreja, apelando para um pluralismo presente desde os inícios do cristianismo. Sem dúvida, esse pluralismo existe e existiu, mas quais são os seus limites? É neste ponto que HORST fica devendo uma resposta mais clara. Sem essa resposta, a credibilidade da Igreja, que ele pretende restaurar, está ainda ameaçada.

Como ensaio orientador sobre os problemas apresentados pela moderna teologia (sobretudo evangélica) de língua alemã, o livro pode prestar um serviço notável. Mas precisa ser lido pelo menos com o mesmo senso crítico com que o autor encara as Escrituras.

J. Hortal, S. J.

GRINGS, Antonio Guilherme: **A Bíblia essa desconhecida.** 252 pp., Ed. La Salle, Canoas, 1975.

No início de sua obra Pe. Grings diz que o seu livro "não vem preencher uma lacuna. Na tão rica bibliografia bíblica não existem lacunas". O seu método é o das abelhas: procura colher néctar em várias flores para depositá-lo no favo das páginas de seu livro, onde o leitor poderá colher um pouco de mel...

Já durante vários anos Grings escreve artigos no jornal "Correio do Povo" de Porto Alegre, na seção "A Bíblia, essa desconhecida". No livro que comentamos o autor reuniu grande parte de seus artigos, dando-lhe uma seqüência.

As 252 páginas do livro de A. G. Grings não são um daqueles volumes de difícil leitura como há tantos nas prateleiras de bibliotecas em faculdades de teologia. Nem mesmo as observações ao pé da página são simples notas. Grings as apresenta em forma de "curiosidades". O autor usa um linguajar acessível. Procura esclarecer a Bíblia ao leitor comum. Isto, certamente, nem sempre é fácil, pois há muitos ziguezagues na História Santa, o que também explica a diversidade espantosa na Bíblia. "Sabemos que a Bíblia levou mais de 1300 anos para estar redigida, como hoje a temos. E, quantas mudanças podem operar-se durante um tão longo espaço!" Em relação a isto, Grings lembra que a idade da língua portuguesa não passa de oitocentos anos e, no entanto, há enormes diferenças entre o português arcaico e o nosso. Quem quisesse estudar "Os Lusíadas" de Camões, sem explicação, pouco entenderia desse monumento de nossa literatura.

O livro de Grings não é um tratado sistemático sobre temas bíblicos. O autor seleciona assuntos que possam interessar aos leitores. Harmoniza textos, recorre tanto ao Antigo como ao Novo Testamento para completar a sua reflexão. Aproveita uma vasta literatura bíblica para recolher as suas informações. Procura apresentar os resultados atuais da pesquisa exegética.

Grings coloca no seu livro muito da própria personalidade. Por isso mesmo "A Bíblia, essa desconhecida" pode ser considerado um testemunho pessoal de fé, de amor à verdade e à vida; de respeito por aquilo que permanece misterioso na nossa existência. Talvez pudéssemos classificar o livro de A. G. Grings na mesma linha da obra de Dinah Silveira de Queiroz: Eu Venho (Memorial de Cristo). Claro, as obras são diferentes, já quanto ao assunto, mas revelam uma sinceridade de pensamento e de intenções.

Linguagem e expressões. Grings é original em buscar expressões e exemplos do nosso meio, aplicando-os aos textos bíblicos. Para ele basta "abrirmos os cofres da Bíblia para descobrirmos riquezas sem conta". Primeiramente confecciona o "pano-de-fundo para entender melhor a Bíblia. Este "pano-de-fundo" são as indicações preliminares para que o leitor se conscientize que na Bíblia "o Senhor não nos prometeu o Espírito Santo para nos instruir sobre o curso do sol e da lua. Quis fazer-nos cristãos, não matemáticos". A sua intenção é ensinar-nos "como se vai ao céu, não como vai o céu". Se verificarmos, por exemplo, a narração de Jonas, Nínive e o grande peixe, que engoliu o profeta, teremos que atender ao fato de que a Nínive histórica nunca se converteu. O escritor sacro usa, portanto, linguagem simbólica. O Livro de Jonas quer mostrar a universalidade da salvação. Assim o "grande peixe" foi introduzido na narração para complicar bem a história e provar que Deus continua salvando. Por isso, diz Grings, "não temos mais motivo para ver dificuldades onde elas não existem. Se no belo enfeite literário, nem o "peixe grande" engoliu a Jonas, não tenhamos nós que engolir a "baleia" com Jonas... O que a Bíblia de fato não exige de nós". Falando da inspiração bíblica, Grings relata o que seu

antigo professor de dogma, Pe. José Mors S. J., dizia para declarar que toda a Bíblia é inspirada. Mors citava Tobias 11, 9: "O cão que os tinha acompanhado durante a viagem, correu então diante como um mensageiro, e mostrava seu contentamento fazendo festas e a abanando a cauda... Portanto, é também inspirado que o cão abanou a cauda..."

Como ler a Bíblia? Para Grings, ler a Bíblia é como movimentar-se no trânsito. "Quem se abalança a lê-la sem prévia orientação, sem sinalização adequada, há de perder-se no emaranhado de seus 73 livros". É verdade, se nas ruas ou estradas, por melhores e mais amplas, que sejam, não tivermos nenhuma indicação, não sabendo em que trecho andamos, andaremos à toa. O mesmo acontece com a leitura da Bíblia. Ler a Bíblia sem orientação, vale dizer: "andar no mato sem cachorro".

A Bíblia não pode ser lida como a Ilíada ou a Odisséia de Homero, os "Os Lusíadas" de Camões. É necessário lê-la atualizando-a, assim como se atualiza todos os anos o Tiradentes. Todos os anos, no dia 21 de abril, evocamos sua história e a atualizamos, aplicando-a aos dias presentes. Assim deve fazer-se também com a Bíblia, segundo Grings: Olhar para trás, estudar o fato e aplicá-lo aos dias que correm.

O "Terrível Javé" — Pe. Grings reclama no seu livro contra alguns comentadores bíblicos, que denominam o Deus do Antigo Testamento de "Terrível Javé" para contrapô-lo ao Deus todo bondade do Novo Testamento. Tal indicação para ele é inexata. Certamente, cada geração terá que corrigir, ou melhorar, a imagem de Deus que os antepassados lhe transmitiram, mas isto ainda não significa que os povos civilizados tenham que substituir o Deus "monoteista" do deserto. Também o homem moderno repele o Deus da religião, substituindo-o pela técnica e pela ciência, simplesmente porque situa mal a visão de Deus, como se o controle da matéria anulasse o Deus que fez a mesma matéria. Como se os deuses "civilizados" de Canaã fizessem caducar o Deus "antiquado" do deserto... Ele se manifestou no deserto, mas continua o Deus Criador e Salvador. Grings, para mostrar o que a Bíblia quer conseguir, recorre ao exemplo do "remédio dentro dum copo d'água". O remédio se dilui, desaparece, mas a mãe que o colocou sabe que está dentro. Assim a Bíblia mostra que Deus está no mundo.

Poderíamos considerar ainda outros aspectos do livro de A. Guilherme Grings. O referido parece, no entanto, o suficiente para mostrar um pouco a linha que o autor segue e a linguagem que emprega.

Inácio Strieder

TIGER, Jeanne: **Religiosas de hoje e de amanhã.** Tradução do original francês. 105 pp., 14 x 21 cm, Edições Loyola, S. Paulo, 1974.

Edições Loyola nos apresenta a tradução do livro: "Religiosas de hoje e de amanhã", escrito pela Ir. Jeanne Tiger. O P. Henri Holstein, S. J., prefaciando a obra, diz: "O interesse deste livro reside no fato de ser ele escrito por uma religiosa lucidamente consciente dos problemas que a vida consagrada apresenta hoje a seus próprios membros" (p. 5). Com efeito, a leitura do livro, dirigido às religiosas da França, nos deixa a convicção de estarmos ouvindo uma religiosa a falar com conhecimento de causa e numa visão atualizada de Igreja e de mundo com toda sua problemática. A autora divide o trabalho em três partes. Na primeira parte apresenta o contexto histórico atual a partir dos acontecimentos de maio de 1968, na França (greves muito significativas dos universitários, falência governamental,

profundas dificuldades de compreensão social). A Igreja post-concílio Vat. II descobre-se imersa nos problemas dum mundo secularizado, conturbado. E dentro da Igreja o mundo das religiosas vive o mesmo fenômeno de inadaptação e mal-estar. As estruturas de muitas congregações não respondem mais às exigências dos tempos modernos. Inadequação entre o espírito, o carisma da congregação e a estrutura fossilizada. Na segunda parte analisa os pontos principais da vida religiosa feminina que são contestados pelo mundo atual e pela situação social hodierna. Focaliza a "ruptura" com o mundo, a célebre "fuga do mundo" que iniciou num contexto de sociedade e de vida cristã bem diferente do atual, e cujas formas não poucas religiosas querem perpetuar, levadas por um saudosismo mal compreendido, tornando assim essa forma de vida religiosa anacrônica para nossos dias. Juntamente com a ruptura do mundo está o problema do celibato, que deve ser focalizado em contexto mais amplo, dentro duma antropologia mais atual. A própria missão da religiosa parece deixar muitas religiosas confusas, uma vez que muitos trabalhos outrora a elas confiados quase que com exclusividade, hoje são realizados por leigos de todas as classes. Diante disso a religiosa não encontra quase ponto de apoio e de referência para reencontrar sua identidade. A vida religiosa parece não ter sentido. Na terceira parte a autora procura dar resposta à pergunta angustiante do sentido da vida religiosa hoje. Seu sentido está no radicalismo evangélico, mas um radicalismo contínuo. "A vida religiosa apresenta-se então como escolha de uma vida nessa atitude radical, sem que, entretanto, as circunstâncias o exijam formalmente" (p. 85). Neste radicalismo encontra-se entre outros elementos, o celibato consagrado, que deve ser expressão de amor vivido em comunidade, para se tornar mais visível. É um livro que merece ser lido pela religiosa de nosso tempo.

I. Sallet

BLESS, Willem — EMEIS, Dieter: **Fe y Libertad. Formación del creyente a partir del Catecismo Holandés.** Trad. do alemão por Claudio Gancho. 148 pp., 19,5 x 12 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1974.

A primeira parte desta obra poderia ser denominada "Radiografia do Catecismo Holandês". Willem Bless, do Instituto Catequético Superior de Nimega, foi de fato um dos mais ativos redatores daquela obra que marcou uma época na apresentação da fé aos adultos. Aqui expõe as idéias inspiradoras daquele empreendimento.

A formação na fé tornara-se um problema desde o momento em que a teologia se foi distanciando do povo e transformando-se em "ciência". A catequética tentou, aos poucos, preencher o vazio, mas acabou desprestigiada por causa do conceito de fé excessivamente unilateral que apresentava. Por isso, a primeira preocupação de BLESS é chegar a um conceito correto de fé. Ele o encontra na determinação do seu objeto: não "verdades" a serem possuídas, mas a pessoa de Cristo a quem o homem se deve entregar sem reservas. A fé supera assim o plano do simples conhecimento especulativo e se situa no plano superior da adesão à pessoa que se fundamenta no amor. Isso leva a rejeitar também certas concepções unilaterais da fé, como participação na posse de um tesouro, como participação no pensamento teológico e como participação no mistério da existência, quer dizer como fé nos semelhantes.

Essa concepção renovada da fé tem conseqüências práticas na sua apresentação aos adultos. O anunciador não é "dono" da verdade, nem pode forçar a liberdade do

homem; não deve oferecer uma segurança humana nem falar uma linguagem angustiante. Fundamentalmente, o anúncio da fé será uma conversa, um diálogo, onde uma série de questões ficarão abertas e onde jogará um papel decisivo a experiência daquele que crê. Para quem conhece o Catecismo Holandês não haverá dificuldade em ver esses princípios como os inspiradores de sua redação.

Mas o citado Catecismo se ressente de uma certa falta de sistematicidade (o que, aliás, é proposital). Para alguns anunciadores da fé, isso pode constituir um obstáculo para a sua utilização. Por isso, EMEIS, na segunda parte do livro em apreço, dá alguns exemplos de como usar aquela obra na formação dos adultos. Apresenta, para isso, três roteiros de diálogos sobre a fé, que podem ser empregados com proveito.

A obra de BLESS e EMEIS pode ajudar a todos os que se dedicam ao anúncio da fé aos adultos. Exige, porém, uma leitura atenta, a fim de não cair em unilateralismos de signo contrário aos condenados pelos autores. Não é uma obra de condenação, mas de correção do passado, e seria contradizer o pensamento dos autores utilizar os seus argumentos para relegar ao esquecimento aspectos que anteriormente foram excessivamente destacados.

Jesús Hortal, S. J.

JOCY RODRIGUES: **Sabenças do povo de Deus.** O Livro dos Provérbios em Linguagem Hodierna. 111 pp., 21 x 14 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1974.

Provavelmente um dos livros bíblicos menos conhecido é o dos **Provérbios** e contudo ele representa um repertório imenso de sabedoria e experiência. Agora com o opúsculo em epígrafe o Pe. Jocy Rodrigues, maranhense, vem-nos abrir este tesouro em linguagem moderna, popular e bem brasileira... com foguetes e bola e tudo! É uma delícia. Em geral as frases são curtas, bem cadenciadas, leves e fáceis de entender. Vejamos algumas amostras:

1, 7: Princípio do saber: Temor de Deus./ Os tolos não dão bola pra instrução. Portanto já estamos com a bola! (ver ainda 26, 20 29, 19). 1, 12 (a proposta dos maus amigos): "Nós vamos comer / o cara, vivinho, / mandar para a cova / o tolo, inteirinho"... 4, 8: Te agarra com ela (com a sabedoria)... Te abraça com ela... 5, 8-9 (falando da mulher safada): Faz teu caminho longe dela / nem passa perto de sua casa. Pra não fazer papel de besta / dando o que tens a gente à-toa...

Formidável a descrição da **boa esposa** 5, 15-23. Ela é apresentada ao leitor tupiniquim como um **delicado beija-flor** (v. 19), onde o texto original fala de corça amena e gazela graciosa. — O "cara" que se deixa cantar pela adúltera, "Vai feito caça... até pegar chumbo no peito"! (7, 22-23). Ou ainda esta: Um doido que toca fogo, / dá tiros, puxa peixeira.... (26, 18)! o Pe. Jocy não deixa por menos...

Imaginem lá o que os velhos e sisudos sábios de Israel vão pensar: beija-flor, levar chumbo, tiro e peixeira! E o sapientíssimo rei Salomão, competente em botânica e zoologia (1 Rs 5, 13), certamente coçará a cabeça, quando o Pe. Jocy lhe vem com cachaça e cerveja (20, 1), laranjeiras e laranjas (27, 18), onça que ruge (28, 15), urubu (30, 17), calango (30, 26) e algodão (31, 13).

E os nossos **foguetes?** estão em 11, 10: Quando o justo é feliz na cidade há banquete; / quando o mau se liquida na cidade há foguete! (aqui no sul, em vez de banquete, diríamos churrasco!). Mesmo a **rede de dormir** aparece em 26, 14 a propósito do preguiçoso. E por falar em preguiçoso, a gente até se admira que nos tantos textos que fazem gozação deste tipo onipresente, aquele bicho tão conhecido nosso não venha desfilando com o resto da nossa fauna...

Sumamente feliz a versão brasileira de 30, 26: **caranguejo que anda de banda / mas se esconde em buraco na lama;** o original, com não menor colorido local, fala do texugo arisco que se aninha nas rochas. Menos plástica ficou a adaptação de 30, 19: o original fala da **águia** no céu; Pe. Jocy põe **ave** no céu; aqui o nosso urubu, acrobata dos ares, teria feito boa figura, mas ele já foi nomeado poucas linhas antes (v. 17d).

Uma passagem não entendi: **"Chuva miúda resinga de mulher** (27, 15). Querer fazer passar, é **querer tapar o sol com uma peneira"** (27, 16): o que vem a ser "Querer fazer passar"?

Summa summarum: o que o Pe. Terra afirma de outro livro do Pe. Jocy: Cantigas do Povo de Deus. Os Salmos..., vale também do presente opúsculo: é tradução gostosa, é um doce (A Oração no AT, 1974, 145): sirvam-se pois à vontade...!

P. J. Balduino Kipper, S. J.

BAGATTI, Belarmino, OFM: **A Igreja da Circuncisão. História e Arqueologia dos judeu-cristãos.** Trad. do italiano por Ludovico Garmus, OFM. 324 pp., 13,5 x 21 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1975.

Talvez seja este um dos pontos mais desconhecidos dos tempos primitivos do cristianismo. A descoberta do pluralismo teológico e institucional dentro do Novo Testamento deu lugar a um grande volume de literatura. Mas o estudo das fontes extra-canônicas relacionadas com as comunidades cristãs da Palestina deixa ainda muito a desejar. É verdade que, com muita freqüência e de mil modos, essas comunidades caíram ao nível das seitas que se dividem e se combatem entre si. Inclusive percebe-se entre elas uma certa nostalgia das suas origens judaicas (cujos rastos se encontram já na Carta aos Hebreus) e uma tendência a "judaizar". Mas pode ser que, mesmo dentro dessas manifestações aberrantes do cristianismo "oficial", haja elementos de valor um pouco esquecidos por nós. De fato, o característico das seitas é a acentuação unilateral de alguns pontos particulares de disciplina ou de doutrina. A instituição da qual a seita se separa, em virtude de um instinto de defesa, tende então a acentuar o ponto contrário e a esquecer o exageradamente sublinhado pelos setários.

Por outro lado, comunidades que estiveram tão ligadas às origens do cristianismo, do ponto de vista geográfico e racial não podem ter deixado de conservar tradições e usos de profundo conteúdo cristão.

Frei Belarmino BAGATTI, profundo conhecedor da arqueologia palestinense, decidiu recolher num só volume não apenas o fruto das suas escavações, mas também tudo quanto de importante nos legaram as fontes escritas sobre os judeu-cristãos. Para a imensa maioria dos leitores, estas páginas vão constituir uma surpresa. As provas concretas do culto cristão, já desde o século I, em lugares tão cheios de lembranças de Cristo como Cafarnaum, Nazaré e Getsêmani lançam uma luz nova sobre certas tradições cristãs. As controvérsias teológicas com os judeus, os ritos de iniciação ou de purificação, as doutrinas sobre os anjos, os símbolos usados (alguns tão interessantes como a "cruz personificada") nos mostram comunidades vivas, empenhadas num proselitismo ativo, onde o fosso de separação com o judaísmo se vai aprofundando lentamente.

Mesmo que algumas das conclusões arqueológicas tiradas pelo Frei BAGATTI não sejam aceitas por todos, o livro é de uma utilidade imensa para todos os que se interessam por uma compreensão mais profunda do cristianismo primitivo.

Jesús Hortal, S. J.

Teologia para o cristão de hoje. Vol. 1. O Cristão no mundo atual. Versão brasileira sob a coordenação de P. Silvino Arnhold, S. J.. 296 pp., Ed. Loyola, São Paulo.

Uma equipe de professores da Faculdade de Teologia Cristo Rei e da UNISINOS está traduzindo e adaptando ao nosso ambiente brasileiro um curso completo de teologia sob o título: "Teologia para o Cristão de Hoje". A obra completa terá 10 volumes. Espera-se que dentro de 2 a 3 anos toda a obra esteja editada. O 1.º volume foi lançado no ano passado. Outros lhe seguirão este ano.

No seu original, trata-se dum curso de teologia por correspondência. Os bispos alemães, dando-se conta da necessidade e do desejo que muitos cristãos sentem nos nossos dias de uma formação teológica mais profunda e sólida, solicitaram ao Instituto Diocesano de Ensino Superior de Würzburg a elaboração desta obra.

De diversos lados foi sugerido aos professores de teologia de São Leopoldo que traduzissem este curso e o publicassem no Brasil na mesma forma de correspondência. Mas as primeiras sondagens mostraram que, de momento, não existem condições no Brasil para um empreendimento deste gênero: exigiria pessoas competentes disponíveis. E estas faltam. Surgiu então a idéia de refundir o curso, adaptando-o ao ambiente cultural brasileiro, publicando-o como material básico para o estudo individual, para cursos de formação de catequistas, de agentes de pastoral, de líderes de jovens e adultos. Mas, mesmo esta idéia pareceu muito ousada, porque só poderia ser realizada com uma equipe relativamente grande de colaboradores, com muito investimento de tempo e de recursos. Os interessados na tradução-adaptação já estavam por desistir do empreendimento quando novos estímulos e ajudas tornaram possível a execução do plano. As "Edições Loyola", de São Paulo, tomaram a si a impressão da obra. O 1.º volume comprova a boa apresentação do curso: didática, linguagem fluente, adaptações ao ambiente cultural brasileiro, mesmo que não em grande número, são, contudo, oportunas. A bibliografia, no fim das lições, enumera principalmente livros acessíveis ao leitorado brasileiro.

Intenção e idéia do curso: Em cada época histórica é preciso apresentar a mensagem cristã de uma forma compreensível. É verdade, os homens permanecem fundamentalmente os mesmos em todos os tempos e em todas as épocas, pois cada geração refaz as experiências de gerações anteriores e levanta as mesmas interrogações fundamentais. Estas acham-se sempre determinadas e condicionadas profundamente pelo tempo e pela cultura em que vivemos. Ninguém pode viver à margem de seu meio-ambiente e de seu momento histórico. Somos homens do nosso tempo. Levantamos interrogações correspondentes ao nosso mundo histórico, ou melhor, é a nossa época, o nosso mundo histórico que nos interroga. Esta situação afeta também o mundo religioso. "Teologia para o Cristão de Hoje" pode ser um auxílio para os que se interrogam a respeito do valor global da vida. A obra é didática e acessível. Supõe, contudo, conhecimentos básicos do secundário para ser plenamente entendida. Está pensada tanto para o estudo individual como para o estudo em grupos.

Etapas do Curso: O curso não está vazado nos moldes tradicionais de disciplinas teológicas. Na medida do possível quer banir a impressão de que a teologia consta de um certo número de conhecimentos parciais, sem nexo entre si, ou de um certo número de acontecimentos mais ou menos sensacionais. A teologia, por variada e pluralista que se apresente é antes de tudo a "ciência" da fé. Por isso o curso não se divide em disciplinas, mas em ciclos de temas e em blocos de reflexões.

"Teologia para o Cristão de Hoje"

prevê duas etapas. A etapa fundamental consta de 24 lições, distribuídas em cinco ciclos. A cada ciclo corresponde um volume, contendo um tema central.

1.º ciclo: O Cristão no Mundo atual — ocupa-se do homem de hoje, que toma conhecimento deste seu mundo, que reflete e se interroga sobre o sentido da realidade. Recorre às diversas ciências e apoia-se nos seus resultados. Este ciclo possui um caráter filosófico, explanando e interpretando as experiências e os problemas fundamentais do tempo presente.

2.º e 3.º ciclos: Pessoa e Obra de Cristo — Tratam da resposta que Deus oferece em Cristo aos homens. Apresentam a resposta cristã às grandes interrogações do homem. Estes ciclos possuem cunho mais teológico. Refletem sistematicamente sobre a fé e a mensagem cristã.

4.º ciclo: A Ação salvífica de Deus na Igreja — encara a salvação trazida por Cristo, que se prolonga através da história. Apresenta a Igreja em sua atuação, história, doutrina, em seu testemunho e mistério, em seus sacramentos.

5.º ciclo: A Resposta do Homem a Deus — ocupa-se principalmente dos grandes temas da vida cristã: consciência, lei, liberdade, responsabilidade do homem na sociedade em que vive. Conclui com uma síntese global dos temas tratados nesta etapa.

A segunda etapa do curso pretende auxiliar a reflexão teológica pessoal. Os cinco volumes desta etapa serão assim distribuídos: Teologia e Fé; O Problema de Deus; Salvação e Condenação; Igreja e Sacramentos; Realização da Vida cristã.

Inácio Strieder

LUBAC, Henri de: **Las Iglesias particulares en la Iglesia universal** (Verdad e Imagen n.º 38). Trad. do francês por G. Mártil. 256 pp., 19 x 12 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1974.

Este volume do conhecido escritor francês recolhe dois trabalhos de maior fôlego e um pequeno apêndice. Inicialmente, numa longa introdução, expõe as suas preocupações pela evolução do pensamento teológico e da vida da Igreja nos tempos pós-conciliares, ao par que as suas esperanças diante de "um cristianismo mais consciente e mais sério, porque mais duramente provado".

O primeiro estudo, que empresta o título a todo o volume é uma investigação profunda sobre os conceitos de Igreja "local", Igreja "particular" e Igreja "universal". A distinção que De LUBAC, faz, sobretudo entre o primeiro e o segundo termo (Igreja particular = diocese; Igreja local = conjunto de igrejas particulares numa nação ou região) pode ser discutível, por quanto a terminologia do Concílio Vaticano II e os documentos eclesiásticos é vacilante neste ponto. Mas as considerações que tece sobre unidade, pluralismo e adaptabilidade da Igreja são de uma riqueza incalculável. Igualmente, a sua posição de exclusão radical da colegialidade nas conferências episcopais é fortemente criticável. Afinal, os documentos conciliares, embora não nos falem de colegialidade em sentido estrito, invocam um certo "afeto colegial" como base dessas conferências. Pode-se afirmar, de um modo tão categórico e absoluto como De LUBAC o faz, citando a E. Lanne, que "o bispo de cada Igreja é, em definitiva, o único responsável da sua comunidade e da aplicação das normas emanadas dos concílios"? Creio que o autor subestimou aqui a necessidade de uma releitura da mensagem e dos conceitos cristãos à luz da cada época. Sem negar a origem divina do episcopado, pode-se pensar numa evolução que leve a uma tomada de consciência cada vez

mais profunda da solidariedade colegial (coisa, aliás, bem presente na multiplicação dos sínodos e concílios particulares da antigüidade).

A segunda parte deste volume é um estudo, principalmente de cunho patrístico, sobre a maternidade da Igreja. De fato, é este um dos conceitos que mais tem sofrido nos últimos tempos, mas é também uma das idéias de maior tradição bíblica e patrística. De LUBAC conseguiu uma breve mas completa síntese do que se escreveu em torno a esse conceito, sem esquecer o aspecto da paternidade dos ministros, hoje tão duramente atacada por confundir-se com o tão execrado paternalismo.

Um pequeno apêndice recolhe uma entrevista do autor à revista "France catholique" sobre o sacerdócio segundo a Escritura e a tradição.

No seu conjunto, esta obra, sem pretensões de novidade, mas também sem imobilismos nostálgicos, é uma boa exposição de temas de grande atualidade no campo eclesiológico.

Jesús Hortal, S. J.

JOSEF SCHARBERT: **O Mundo da Bíblia. Tradução** de Pe. Frederico Dattler S. V. D. 243 pp., com muitas ilustrações, 23 x 16 cm, Editora Vozes, Petrópolis 1974.

Eis aqui uma introdução à Bíblia mais técnica que as de Ellis e Grollenberg, analisadas na "Perspectiva Teológica" n.º 13 (pp. 245 ss.). O original alemão data de 1965. Toda esta vasta matéria é tratada em seis partes, subdivididas em capítulos. Depois de apresentar, na primeira parte, o nome e divisão da Bíblia, o autor passa à segunda parte bem mais ampla: **Origens e conteúdo dos livros bíblicos** (p. 21-92). A propósito de Moisés e o Pentateuco assinala a origem complexa e demorada de muitos séculos destes 5 livros e a certeza duma contribuição fundamental mosaica (p. 24-26). Também é interessante e importante o cap. 2.º: O "Deuteronomista" (p. 28-34); um autor judeu dos primeiros decênios do exílio babilônio (ca. 560 a. C.), vivendo na Judéia, resume numa grande síntese a história de Israel desde a entrada na Terra Prometida até o exílio; esta obra abrange, além do Dt, os livros de Jos, Jz 1 e 2 Sam e Rs, nos quais o deuteronomista, embora respeitando as tradições prejacentes, deixou impressas as marcas da sua interpretação teológica da história de Israel (p. 28-34).

Quanto aos demais livros assinalo apenas as seguintes opiniões do autor: **Tob, Jdt** e **Est** pertencem à literatura edificante de conteúdo narrativo ou ao gênero das novelas históricas (p. 37). O livrinho de Jonas é mais uma antologia de lendas do que um livro profético, imitando até certo ponto os ciclos de lendas em torno de Elias e Eliseu (p. 56). A terceira parte desenvolve a **história do cânon** (p. 97-119). Tem-se a impressão que muita coisa da segunda parte aqui vem repetida.

IV Parte: **A Bíblia, Palavra de Deus** (p. 121-41): trata da inspiração ou origem e autoridade divina dos livros bíblicos.

Parte V: **O texto da Bíblia** (143-75). Este tema fundamental e vasto abrange os textos originais e as principais versões antigas. Sch. insiste com palavras enérgicas na **necessidade do estudo das línguas bíblicas** não só para os teólogos, mas também para os pregadores e catequistas (p. 146-7); a seguir apresenta brevemente as línguas hebraica, aramaica e grega e as suas respectivas características (p. 148-51).

Quanto ao texto grego original do N. T. o leitor é informado que existem mais de 2500 manuscritos; mas segundo as últimas informações (1973) há 268 códices maiúsculos e 2792 minúsculos, mais 85 papiros e 2193 leccionários litúrgicos com textos neotestamentários; note-se,

entretanto, que estes algarismos indicam os números das listas de manuscritos, havendo alguns números em branco e sabendo-se que alguns números indicam porções dispersas de manuscritos idênticos. Mas seguramente se pode falar de 5000 manuscritos gregos, sem mencionar os milhares de citações patrísticas. O que na p. 164 se diz a respeito do **códice Sinaítico**, no fim, é ambíguo: abrange, sim, AT e NT completos, mas no AT há enormes lacunas, especialmente na primeira parte; também a legenda do clichê depois da p. 224 é ambígua, mas ao menos se informa que das 720 folhas (originais) existem ainda 393, quer dizer um pouco mais da metade.

Neste ponto talvez o tradutor poderia ter chamado a atenção do leitor brasileiro para o códice grego dos Evangelhos, do séc. 12, o qual a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, conserva entre os seus cimélios; igualmente poderia ter lembrado o exemplar completo da Bíblia de Gutenberg na mesma biblioteca (cf. o clichê da p. 124).

Muito importante é também a Parte VI: **O Sentido da Bíblia** (p. 177-198). Para Sch. o **sentido literal** ou verbal é o que brota imediata e espontaneamente do contexto da passagem ou do livro. O **sentido pleno** — que ele admite — é o que assoma do contexto geral da revelação consumada (p. 179-80). Estas explicações e definições são muito boas. Adiante aplica estas noções a passagens ou livros concretos, p. ex. ao Protoevangelho (Gên 3, 15), Sl 44 e Cânt (p. 189-194). Igualmente importante e instrutivo é o que diz a respeito das feições próprias do sentido literal (p. 182-89), especialmente das figuras retóricas, modo peculiar de pensar bíblico e gêneros literários.

O volume termina com **vários apêndices**, p. ex.: As camadas literárias do Pentateuco, exemplicadas pelo prodígio no Mar dos Juncos, Sinopse das camadas literárias do Pentateuco (J, E e P, segundo M. Noth, 1960), texto dum tratado hitita (para ilustrar a aliança do Sinai) e o texto da Constituição Dogmática **Dei Verbum** do Vaticano II (p. 212-27).

Finalmente o tradutor acrescentou uma ampla bibliografia bíblica em português, na maior parte obras brasileiras (228-239).

A apresentação tipográfica da obra é boa, mas o texto está um tanto cerrado; isto é compensado pelas margens amplas onde aparecem os subtítulos. A obra vem enriquecida com muitas ilustrações: desenhos, gravuras artísticas e históricas, clichês, o que aumenta o seu valor; infelizmente os clichês estão um tanto apagados, não muito nítidos. Há muitas páginas em branco no fim das diversas partes; contei umas 20: cui bono? Pena também que não haja índices de nomes e matérias e citações bíblicas.

Concluindo: Sch. nos apresenta uma obra atualizada que, apesar dos senões apontados, se pode recomendar vivamente e encontrou um tradutor competente.

P. J. Balduino Kipper S. J.

CARVALHEIRA, Mons. M. P. e outros: **A Evangelização no Mundo de hoje** (Reflexões teológico-pastorais a partir do Sínodo de 1974). 102 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1974.

O grupo de teólogos brasileiros assessores junto ao Sínodo (Mons. M. P. Carvalheira, P. Gérard Dupont, P. A. Celso Queiroz, Fr. G. da S. Gorgulho, OP. e P. João B. Libânio, S. J.) certamente atingiram através do presente livro uma das dimensões mais pertinentes desta sua função de assessoria... Pois, através deste trabalho, de poucas páginas mas de muito conteúdo, propõe-se a dar um impulso (com sua atenção voltada para o Brasil) a todo um processo de reflexão a

nível de toda Igreja em torno do tema central do Sínodo.

É importante para os autores "que a experiência e reflexão, desencadeados pelo Sínodo, desçam capilarmente até os menores núcleos de Igreja, a fim de que cresça em todos nós a consciência séria e responsável da tarefa da evangelização".

Os autores colocam uma ênfase fundamental sobre a responsabilidade das Igrejas Particulares mais jovens nas quais (sem se sentir tanto o peso institucional) mais facilmente irrompem realizações novas e de profundo testemunho do Evangelho hoje. Fato que foi muito palpável no desenrolar do Sínodo. São frutos concretos do Vaticano II que estão começando a irromper em todos os recantos do mundo e que deram ao Sínodo de 1974 um clima todo novo em termos de Sínodo.

Vivendo este profundo clima de livre expressão, de diálogo e de busca, os cinco teólogos brasileiros, ainda no auge dos momentos mais decisivos do Sínodo, reúnem sob cinco títulos, os problemas centrais das reflexões sinodais: 1) A imagem concreta da Igreja; 2) A redescoberta da Igreja Particular; 3) A libertação humana na Evangelização; 4) A ação do Espírito Santo na Evangelização; 5) Os caminhos da Evangelização numa Igreja Particular. Estes são também os cinco capítulos do presente livro, ao longo do qual os autores expressam uma dupla preocupação: a) captação dos problemas mais importantes ventilados, nas suas raízes mais profundas; b) atenção a perspectivas e prospectivas pastorais que tais problemas levantam para nossas Igrejas Particulares do Brasil, nas quais devem ser aprofundadas.

Algumas das linhas básicas da reflexão desenvolvida ao longo deste livro podem ser assim sintetizadas:

— A Igreja sempre mais se apercebe de que sua ação universal não pode ser monolítica e soberana, mas só pode ser universal na medida em que for diversificada e humilde.

— A riqueza da Igreja Universal não vem no entanto de um "em si" que acontece, parceladamente, em miniatura, em cada Igreja Particular, mas sim, das riquezas de cada uma delas, colocadas em comum, em comunhão (numa atitude de contínua busca e despojamento perante criações mais cristãs).

— Uma Igreja que se preocupa pela evangelização tem como perspectiva central a libertação do homem (e crítica a toda ideologia unidimensionalizante), o que virá a recair sobre uma urgente necessidade de a Igreja libertar-se por um lado de todos os seus compromissos e vinculações pouco cristãs, e por outro lado lançar-se com liberdade e desprendimento à participação real e concreta em projetos e ações nos quais os valores cristãos são postos em prática.

— Nota-se hoje na Igreja uma mais viva consciência da presença e da ação do Espírito Santo, seja na vida de cada batizado, seja na vida das comunidades. Esta consciência, que abre novas perspectivas concretas para a vida e ação evangelizadora das Igrejas, encontra seu apoio fundamental na oração, no constante aprofundamento na compreensão da Palavra de Deus e numa sistemática reflexão comunitária a partir da realidade concreta da vida, como também sugere que se restaure o rito de iniciação cristã para os adultos e se efetue canonização de santos provenientes de todas as categorias restabelecendo novo espírito de liberdade, abertura, segurança e diálogo entre todos os cristãos, seus pastores e seu magistério.

— "É no dia-a-dia da vida das Igrejas Particulares que a obra da evangelização pode ser melhor percebida em toda sua riqueza e na complexidade de seus desafios. Realmente é aí que se concretiza a missão. O 'Ide, ensinai a todos os povos' só se torna realidade à medida em que a Igreja é capaz de 'ensinar' um povo concreto, de começar a ser a partir de um povo".

José Ivo Follmann

BOFF, Leonardo: **Minima Sacramentalia. Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos. Ensaio de Teologia Narrativa** (Centro de Investigação e Divulgação. Publicações CID, Teologia, 9). 80 pp., 21 x 14 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1975.

Com uma originalidade criativa extraordinária, L. Boff apresenta-nos neste livro uma teologia dos sacramentos atual e acessível. Embora o autor não o indique, grande parte dos capítulos deste livrinho já haviam sido publicados na revista "Vozes" de 1974.

A estrutura geral dos capítulos é sugerida no subtítulo "Ensaio de Teologia Narrativa". Boff parte de uma narração (muitas vezes autobiográfica) para explicitar os diversos aspectos da realidade sacramental. Muitas de suas páginas assumem o caráter evocativo de um verdadeiro poema e são tão aptas para introduzir no mundo sacramental que se pode perguntar se a poesia não é a forma mais adequada de reavivar no homem hodierno o sentido do sacramento.

O interesse e a vibração com que o leitor acompanha, ou até mesmo devora, as páginas deste livrinho, não excluem, porém, a possibilidade de crítica.

O subtítulo "Ensaio de Teologia Narrativa" remete o leitor informado a tentativas recentes de revalorizar a narração como elemento do pensar teológico. Essas tentativas tomaram feições diversas nos Estados Unidos e na Europa. Boff pode, pois, incorporar-se a essas correntes. Tratando-se, porém, de modalidade ainda pouco explorada e desenvolvida do teologar, Boff pode e deve considerar sua obra apenas uma tentativa, um "ensaio". No entanto, o recenseador não vê bem como a titulação "Teologia Narrativa" se justifique no esboço de Boff e não consegue fugir à impressão de uma busca gongórica de rótulos altissonantes.

Boff afirma que a estrutura da linguagem sacramental "não é argumentativa, mas narrativa" (13), pois o sacramento é um encontro do homem com Deus no e através do mundo. Sua linguagem é, pois, principalmente "evocativa" (13), "auto-implicativa" e "performativa" (14). Por isso tenta articular a teologia sacramental numa "linguagem narrativa na sua dimensão de evocação, auto-implicação e performatividade" (14).

Primeiramente uma observação sobre a qualificação de uma linguagem como "performativa". O autor explica que performativa é a linguagem que "leva a modificar a práxis humana. Induz à conversão. Faz apelo a uma abertura e a uma acolhida conseqüente na vida" (14). Segundo Boff o performativo diz respeito à práxis. Ora, o adjetivo "performativo", na realidade, é um termo técnico da Filosofia Analítica da Linguagem que tem um sentido já fixado e significa uma asserção que, pelo próprio ato de ser pronunciada, já **faz** algo (e não apenas **diz**). Sirva como exemplo a proposição: "Prometo visitar-te amanhã". Ela é performativa não porque eu depois **de fato** o visitarei (conseqüência na vida), mas porque já o dizer é **fazer** algo mais do que simplesmente afirmar (cf. J. L. Austin, **How to do things with words**, Oxford 1971). A dimensão praxiológica não é o característico de um ato lingüístico performativo, embora possa decorrer dele. Assim, a linguagem sacramental já pôde ser considerada performativa, enquanto realiza aquilo que diz (cf. H. J. Weber, **Wort und Sakrament**, em: Münchener Theol. Zeitschrift 23 [1972] 241-274; A. P. Martinich, **Sacraments and Speech Acts**, em: The Heythrop Journal 16 [1975] 289-303, 405-417). A palavra "performativo" é, pois, empregada inexatamente por Boff.

Em segundo lugar: que significa "linguagem sacramental", quando Boff a qualifica de evocativa, auto-implicativa e performativa? O contexto mostra que se trata da linguagem **do** sacramento e não da linguagem **sobre** o sacramento.

Linguagem sacramental tem, pois, um sentido amplo, enquanto não apenas a palavra, mas o próprio gesto é linguagem. Nesse sentido de "linguagem **do** sacramento", plenamente de acordo com a breve descrição que Boff oferece naqueles três adjetivos. Mas ele passa imperceptivelmente do âmbito da linguagem **dos** sacramentos para o da linguagem **sobre** os sacramentos, isto é, passa de uma linguagem a uma metalinguagem e quer que esta segunda tenha as mesmas características da primeira, o que é absurdo. A metalinguagem já pertence ao "esforço de articulação cultural", onde a verdade religiosa "sacramentos" "é traduzida numa fórmula e é explicitado o momento racional que ela contém" (13). Quando Boff considera a "narração" como linguagem adequada para expressar os sacramentos, a "narração" aqui é a metalinguagem sacramental. Neste momento a narração recebe valor argumentativo e já não se opõe à teologia que Boff critica à p. 13, antes constitui a base dessa teologia (cf. o que G. Lohfink, **Erzählung als Theologie. Zur sprachlichen Grundstruktur der Evangelien**, em: StZ 192 [1974] 521-532, diz sobre a estrutura fundamental ou subestrutura narrativa de todos os escritos do NT, também as epístolas, com exceção da de São Tiago).

Independente dessa oposição ou não-oposição entre teologia argumentativa e teologia narrativa, o que Boff faz em seu livrinho não coincide nem com a concepção norte-americana nem com a européia de teologia narrativa, naquilo que elas têm de original e marcante.

Numa resenha bibliográfica muito rica e interessante do número de julho de 1975 da revista americana "Theology Today", quase todo ele dedicado ao tema "Teologia Narrativa", G. W. Stroup (**A Bibliographical Critique**, em: Theology Today 32 [1975] 133-143) apresenta o atual estado da questão na América do Norte. Stroup dá pistas muito interessantes para refletir sobre a relação entre narrativa, experiência humana e revelação cristã, mas mostra também que o fulcro de uma "Teologia Narrativa" está na narração da história bíblica e em outras narrações biográficas ou semelhantes, na medida em que refletem a experiência pessoal da história salvífica. J. H. Cone, o corifeu da "Black Theology", encarece a importância da narração na teologia negra norte-americana. Não se trata de qualquer "estória", mas da História da salvação aplicada à história pessoal e coletiva da classe escravizada. Cone explica a importância da narrativa a partir da situação social dos escravos, sem tempo para dedicar-se a disquisições teológicas e detendo-se, por isso, no centro narrativo da mensagem cristã libertadora (cf. J. H. Cone, **The Story Context of Black Theology**, em: Theology Today 32 [1975] 144-150). Mas, enquanto Cone opõe narração ("teologia negra") e argumentação ("teologia branca"), Stroup e outros colaboradores acentuam que outros recursos argumentativos, além da narração, são insubstituíveis.

Na perspectiva de J. B. Metz (cf. o ótimo apanhado de L. Maldonado, **La violencia de lo sagrado**, Salamanca, 1974, pp. 275-294; cf. também K. Schilling, **Narrative Theologie und Religionsunterricht**, em: Katechetische Blätter 100 [1975] 257-267) é necessário distinguir entre a significação pedagógico-catequética da narração e a "Teologia Narrativa". Como instrumento pedagógico-catequético, a narração é usada como "exemplo" para ilustrar ou concretizar o discurso religioso, mas não atinge a estrutura profunda da teologia. A "Teologia Narrativa", ao contrário, afirma o nexo verdadeiramente insolúvel entre narração e argumento (cf. J. B. Metz, **Pequena apologia da narração**, em: Concilium 85 [1973] 580-592; aqui: 586) e supõe que a própria razão crítica (pelo menos a teológica) tem uma estrutura profunda que é narrativa (cf. id., ibid., pp. 590-591). Concretamente para Metz significa que a soteriologia cristã não pode assumir simplesmente ou parcialmente

qualquer teoria crítica da história da emancipação, liberdade ou libertaçao humanas, mas tem que reconhecer a história do sofrimento humano como uma história da culpa humana que não se apaga do mapa (ou se "supera") com teorias globais, mas pela recordação redentora do sofrimento de Cristo (cf. J. B. Metz, **Erlösung und Emanzipation**, em: L. Scheffczyk [ed.], Erlösung und Emanzipation, Friburgo/Br., 1973, pp. 120-140, aqui: 127-138). O elemento narrativo, portanto, é a recordação de Jesus Cristo, sua morte e ressurreição, e, com ele e nele, a recordação de toda a história humana de sofrimentos e fracassos (cf. a importância da categoria "memória", "gefährliche 'memoria" na teologia de Metz). "Narração" opõe-se aqui a "notícia" (Bericht), enquanto aquela não apenas informa sobre fatos exteriores, mas os interpreta em seu sentido profundo de uma maneira que é inseparável da narração. A narração quer tornar presente aquilo que é narrado (cf. G. Lohfink, art. cit., 529-531)). E o que é narrado é a intervenção salvífica de Deus no mundo em Cristo.

Essa é, pois a característica comum a ambas as direções da "Teologia Narrativa": a narração que adorna seu título, é a narração da ação salvífica de Deus no evento histórico Cristo. E isso é justamente o que falta no "ensaio" de Boff. Por isso o recenseador julga inadequado o subtítulo do livrinho de Boff. O uso da narração é aqui o que Metz chama de pedagógico-catequético: a narração apenas introduz à compreensão de um dado religioso (o sacramento). Boff narra não a ação salvífica de Deus em Cristo pelos sacramentos, mas sim episódios de sua vida. Esses episódios ele os apresenta em sua estrutura que o recenseador chamaria de "quase-sacramental", e a partir desta estrutura ilustra o sentido dos sacramentos. A narração é, pois, em Boff um elemento da argumentação e não a subestrutura (como, por exemplo, na Epístola aos Romanos: cf. G. Lohfink, art. cit., 523-524). Aliás, em última análise, a subestrutura tambem e narrativa, pois tal é inevitável em todo e qualquer esforço de pensar e exprimir o mistério cristao, mas a narração explícita que constitui a trama da argumentação e inspira o subtítulo aqui discutido, é antes um elemento extrínseco ao centro da mensagem. Os capítulos iniciais (cap. II a VI), onde Boff oferece uma aproximação à noção mais ampla de sacramento, aparentada à da Patrística, deveriam ser considerados não como "Teologia Narrativa", mas antes como fenomenologia do sacramental. Reavivando o platonismo dos Padres, estes capítulos procuram mostrar pela análise de eventos humanos (autobiográficos) que "todo o real não é senão um sinal" (p. 10 e passim). Nos capítulos seguintes, quando mostra o sentido sacramental de Cristo e da Igreja (cap. VII e VIII), mas especialmente nos cap. X a XII, onde Boff procura explicitar elementos da teologia sacramental provenientes da Escolástica, o uso da narração se torna claramente pedagógico-catequético, no melhor sentido da palavra.

Destarte o recenseador não julga apto o subtítulo "Ensaio de Teologia Narrativa", a não ser no sentido de que um **ensaio** já se anuncia de antemão como passível de malogro.

Ainda uma última observação crítica sobre o uso freqüente que Boff faz, de um recurso argumentativo extremamente pobre: os trocadilhos pseudo-etimológicos com que leva adiante ou ilustra seu discurso. Boff repete aqui aquela "etimologia" que merece a coroa do absurdo e mesmo do ridículo: "ex-peri-ência" (33). Em **Atualidade da Experiência de Deus**, Rio 1974, p. 19, Boff explica: "Experi-ência é a ciência ou o conhecimento (ci-ência) que o homem adquire quando sai de si mesmo (ex) e estuda um objeto por todos os lados (peri)". Será difícil reunir mais arbitrariamente elementos tão disparatados sob a pretensão de etimologia.

Pelo antetítulo "Minima Sacramentalia" este livrinho é anuncia-